

Investimento no Brasil mal cobre desgaste de equipamento



Obras inacabadas do trecho norte do Rodonnel (SP), antes de relicitação, até a data do leilão, foram cinco anos de paralisação

Investimento mal cobre desgaste de máquinas e infraestrutura no Brasil

Aportes em equipamentos também passaram a ser insuficientes para elevar a produtividade do trabalhador

Alexsandro

BRASIL O Brasil vive uma década perdida de investimentos, com dificuldades para elevar o estoque de capital da economia, essencial para iniciar um novo ciclo de desenvolvimento. O investimento mal cobre as perdas com depreciação, como o chamado desgaste de máquinas, equipamentos e da infraestrutura ao longo de seu uso.

O cenário aparece em dados atualizados do Sistema de Contas Nacionais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) consolidados no indicador Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

A atualização mostra que, depois de uma recuperação em 2020, o investimento líquido, aquele que já descontou a perda de depreciação, voltou a ser negativo. Houve queda em 2021, em relação ao ano anterior, e retração até fevereiro de 2022, na comparação mensal. O estoque de investimento no período não foi suficiente para reunir um estoque de capital físico adequado.

Esse tipo de capital é o conjunto de recursos necessários para ampliar a capacidade produtiva do país. Inclui, por exemplo, o maquinário das fábricas, a rede de saneamento, os galpões das indústrias, os prédios de escritórios, o sistema de telecomunicações, rodovias com seus elevados e suas pontes.

Assim, em uma analogia com um maratonista, quando a economia tem estoque de capital físico negativo equivale a dizer que está perdendo o fôlego.

Em março, o investimento passou a sofrer depreciação e ficar positivo. No entanto, arrefeceu no segundo semestre. Em setembro, o investimento líquido registrou alta de apenas 2,2% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Os números foram atualizados às vésperas do Ano Novo, apontando a luta sobre os diferentes setores até 2023 e a avaliação do quadro geral até setembro do ano passado.

Análises preliminares já mostram de nota econômica do Ipea, assistida pelos economistas José Ronaldo de Souza Júnior e Felipe Moraes Cordeiro, da Diretoria de Estatísticas e Políticas Microeconômicas.

"Não é suficiente o estoque de capital porque os elementos são muito variados: o tamanho, o tipo de equipamento, o tipo de estoque de capital da economia, com diferentes taxas

de depreciação, e a estimativa do Ipea é a melhor disponível", afirma Rodrigo Borges, economista sênior da área de Macroeconomia da CAE, pesquisador associado do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas).

Borges já fez análises com os dados atualizados. Para refinar a leitura, preferiu espiar de suas contas as distorções que ocorreram na contabilização das planilhas de petróleo ao longo da última década.

Borges lembra que, de 2013 a 2021, por causa dos benefícios do lepton (um regime de tributação), plataformas que operam no Brasil foram registradas como exportação, levando o dado do Ipea (base do Ipea) a subestimar o investimento nacional.

As regras do lepton foram alteradas em 2018, e tornou-se vantagem internacionalizar as mesmas plataformas, gerando o efeito contábil inverso — a suspensão em 185 bilhões de investimentos antigos como se fossem novos até 2022.

Depois de reverter esses efeitos, de traçar duas séries, uma considera o estoque total do capital físico, a outra exclui a construção residencial, com a proposta de dar uma visão mais refinada da capacidade produtiva.

Apesar de a construção residencial mobilizar considerável volume de insumos e número de trabalhadores durante a obra e parte das montagens depois de lançada, o seu efeito no domínio de ganhos para a produção de bens e serviços de fato é pequeno.

Entre 1995 e 2024, o estoque de capital físico no Brasil cresceu em média 2,5% ao ano", afirma Borges.

"No entanto, de 2015 para cá

há uma queda no crescimento do estoque de capital físico total da economia — ou seja, na melhor das hipóteses, o estoque de capital físico total da economia anda de lado".

Borges também calculou o efeito por capita desses resultados, considerando a população de 194 milhões, em média de de trabalhar. Na série com todos os setores houve uma queda de 7% no estoque de capital por capita. Excluindo o efeito das residências, a retração vai a 10%.

"Analisar essa relação é possível se o país está melhorando a estrutura física para os trabalhadores, e, pelo que identificamos, não está", diz.

"O estoque de capital físico por trabalhador vem em colapso, e envelhecendo bastante, logo, fica difícil imaginar que vamos conseguir aumentar a produtividade do trabalho".

Souza Júnior, da Ipea, lembra que a recuperação dos investimentos e do estoque de capital a partir da recessão em 2020, em parte porque foi muito profunda e com novos reverses nos anos seguintes.

"Toda uma queda foi acertada que, pela primeira vez na história, os investimentos líquidos ficaram negativos — ou seja, houve queda de estoque de capital, que era algo inédito na nossa série, que começa em 1947", afirma.

Apenas em 2022 o Brasil voltou a registrar investimento líquido positivo, mas veio a pandemia e retornou ao terreno negativo em 2020.

A atualização dos dados mostra que a recuperação em 2021 foi forte, apesar de ocorrer sobre uma base mínima.

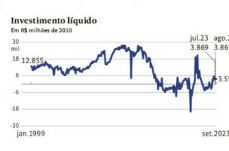
Naquele ano, o investimento líquido total chegou a 187,2 bilhões, propiciando um aumento de 2,2% no estoque total de capital na economia. Um investimento positivo sempre importante, mas o valor é pequeno para o porte de um país como o Brasil e distante do pico desses aportes, ocorrido em 2011, quando o investimento líquido encostou em 187,3 bilhões.

Agente temendo essa oscilação, com um crescimento fraco do estoque de capital, com um investimento abaixo do que a gente precisa para aumentar a nossa capacidade instalada. Isso fica bastante claro nos números, explica Souza.

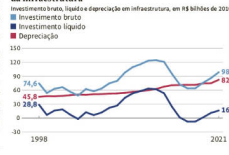
Os dados de desgasto por setores em 2021 mostram que o segmento de máquinas e equipamentos e maquinário e outros* também foram afetados, com um investimento abaixo do que a gente precisa para aumentar a nossa capacidade instalada. Isso fica bastante claro nos números, explica Souza.

Os dados de desgasto por setores em 2021 mostram que o segmento de máquinas e equipamentos e maquinário e outros* também foram afetados, com um investimento abaixo do que a gente precisa para aumentar a nossa capacidade instalada. Isso fica bastante claro nos números, explica Souza.

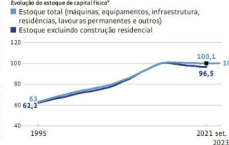
Investimentos perdem força há uma década



Volume de recursos mal compensa desgaste da infraestrutura



Capacidade produtiva perde estoque de capital



Perda de estoque de capital prejudica à produtividade do trabalho



Setor de máquinas e equipamentos o mais penalizado



* Ajustado por operações fiscais do Relatório Indiciado 2014-100. Inclui investimento em setores como lavouras, café em grão, outros produtos de lavoura permanente, bens e outros animais vivos, animais e aves, produtos de exploração florestal e de cultura, desenvolvimento de software e outros serviços de informação, serviços de arquitetura e engenharia, outros, gasodutos e serviços de gás.

Fontes: pesquisa própria dos autores da Nota Técnica, Ipea, Banco da Sica Júnior e Ipea, Ministério da Economia, Ipea, IBGE, Departamento de Economia do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

mentos não param de recuar. O estoque de capital encolheu 2,68% naquele ano depois de retroceder 1,66% em 2020 e ficar zerado em 2021.

No extremo oposto, está o segmento chamado de 'outros', que inclui uma série de atividades associadas ao agronegócio, como lavoura, café e outras culturas perenes, além de óleo vegetal. O estoque de capital teve a expansão mais expressiva, a 4,7% em 2021.

Não existe consenso entre os especialistas sobre o que leva o Brasil a perder investimentos produtivos.

Coordenador do Núcleo de Contas Nacionais do FGV Ipea, o economista Claudio Corsi acompanha a retração dos investimentos líquidos e do estoque de capital e atribui o fenômeno à falta de confiança em relação ao futuro.

A economia tem acumulado menos capital ano a ano, reduzando o potencial de produção e, na minha avaliação, isso vem da falta de confiança do empresário para investir diante de várias incertezas", afirma.

Considera atribui a oscilação em 2022 à demora na tramitação da reforma tributária, que pode afetar 2024.

Agora, ela saiu, e foi um passo institucional importante, mas será preciso regulamentar, e os empresários ainda têm essa incerteza sobre quanto do lucro vai ser tributado".

Em retrospecto, Souza Júnior lembra que a recessão foi acompanhada de aumento do endividamento e queda de rentabilidade das empresas, o que inibe investimento. Mas destaca que os resultados de 2022 são uma sinalização de que as reformas e o quadro fiscal mais robusto podem contribuir para elevar os investimentos.

É um caso como exemplo o resultado da infraestrutura, cujo estoque de capital real vai a 208%. "Parece haver um fôlego nos investimentos de infraestrutura", afirma Souza Júnior.

Houve recuperação mesmo em 2020, no período mais intenso de 2022, mas ainda a gente vê, está seguindo a trajetória positiva, respondendo na minha avaliação, ao cenário de reformas e estimadas a investimentos privados".

Na mesma linha, Samuel Passos, sócio-diretor do Iulus Baez Family Office e consultor da Folha, defende que avançar nas reformas e estabilizar as contas públicas vai sedimentar a confiança empresarial e que a demora na recuperação dos investimentos estaria associada à resaca gerada pelos excessos de investimento público nos anos anteriores à crise.

A gente viveu um surto de investimentos liderado pelo Estado de 2007 a 2014, ele foi malfeito e maturou mal, porque o Estado brasileiro não sabe lidar investimento — é mal desenhado, leva a desperdício até a corrupção", diz.

Esse surto levou a uma sobreacumulação de capital, com baixa produtividade, gerando a crise de 2014 a 2016, elevando o endividamento e reduzindo a rentabilidade das empresas. A gente ainda está limpando essa coisa, pagando o preço do passado.

Borges tem avaliação diferente. A parábola no estoque de capital ao longo de uma década, ao contrário, colocaria em xeque a ideia de que reformas e incentivos ao setor privado são suficientes para promover o crescimento econômico.

"Trabalhos recentes, super-robustos, mostram que investimentos públicos e privados são complementares, não substitutos", afirma. "Não estou dizendo que seja a única explicação, mas chama a atenção o fato de o investimento líquido ter ficado negativo várias vezes nos anos no momento em que o investimento público teve forte retração".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Página: 13